

EXPERIÊNCIA EM CONTAR E OUVIR ESTÓRIA: UMA RELAÇÃO COM OS COMPORTAMENTOS DE ESCOLHA DE MATERIAL ESCOLAR E ATIVIDADES

(2006)

Ana Paula Martinez

Psicóloga. Mestre em Educação Especial - Programa de Pós Graduação em Educação Especial da
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
anapama@hotmail.com

Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil

Livre Docência em Educação. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal
de São Carlos e do Programa de Pós Graduação em Educação Especial/UFSCar (Brasil)
stellagil@uol.com.br

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas CECH
Programa de Pós Graduação em Educação Especial
Km 235 , da Via Washington Luiz
Cep. 13565-905, São Carlos SP

RESUMO

Constata-se uma lacuna entre conhecimento existente na área de educação e atendimento a necessidades educacionais principalmente das crianças de zero a seis anos, verificando a prioridade de uma parceria entre os centros de ensino superior e as instituições de ensino primário demonstrando o compromisso de quem produz conhecimento com garantir acesso ao conhecimento produzido a sociedade como um todo.

A contribuição deste trabalho está em demonstrar a possibilidade de identificar a preferência das crianças por materiais escolares e atividades desde o início das interações em instituição educativa como a creche, primeiramente constatando cientificamente, o que é de conhecimento do senso comum, que as crianças gostam de materiais escolares como livros, canetas, giz de cera, guache etc, e de suas atividades como a atividade de ouvir estória, pintar, desenhar, no início da vida escolar.

Palavras-chave: Contar estória, ouvir estória, material escolar, actividades escolares, criança

Constata-se uma lacuna entre conhecimento existente na área de educação e atendimento a necessidades educacionais principalmente das crianças de zero a seis anos, verificando a prioridade de uma parceria entre os centros de ensino superior e as instituições de ensino primário demonstrando o compromisso de quem produz conhecimento com garantir acesso ao conhecimento produzido a sociedade como um todo. O repertório de leitura é parte das condições que garantem acesso dos indivíduos ao conhecimento e deve, portanto, ser ensinado e estimulado a sua aprendizagem, sob o risco de que o conhecimento permaneça como um instrumento de dominação da minoria sob uma maioria. (Cortegoso, 1994, Raupp, 2002, Reali e Tancredi, 2003, Misukami e Reali, 2003).

Uma das formas de aproximar a criança do livro e posteriormente do gosto pela leitura, é por meio do contar histórias infantis, desde os primeiros anos de vida escolar (Martinez, 1990). Segundo Maria Angélica Dupas (1999), há diferenças significativas entre crianças com e sem estímulo de leitura. Crianças que não estão em ambientes que criam condições para a leitura, só narram fatos do quotidiano, possuem repertório pobre, reproduzindo apenas histórias mais conhecidas, empregam frases segmentadas e baixo nível de criação de histórias, enquanto que crianças estimuladas a ler acrescentam fatos novos às narrativas, apresentam repertório variado de histórias e poesias mais conhecidas, texto oral estruturado, sendo que as histórias tem início meio e fim, e produção de histórias com conteúdos gramaticais mais complexos e temas criativos.

“As pontes que construíram entre as histórias das gerações deles e a minha foram tão sólidas e úteis, que depois pude utilizá-las para cruzar novamente o rio do tempo, em direção às margens onde estavam meus filhos ou meus netos.” Machado, 2003, p 38” A autora ressalta também que nesse processo de contar e ouvir histórias, o contato com os elementos fundamentais da lógica narrativa também se aprende, influenciando na trajetória literária da criança no futuro.

A história é a forma comum, simples e direta, adotada a todos os povos em diversas etapas da civilização, para mostrar por meio de seus mitos e heróis, como encaram o amor, a vida, a morte e repassando sua cultura, (Fernanda & Gutierrez, 2002, Fonseca, 2003, Pontes, 2003, Rocha e Lula, 2003). Não importa qual seja a história - acontecimentos do dia-a-dia, lembranças familiares, tradições, histórias bíblicas, fábulas ou contos de fadas tradicionais, o ouvir histórias gera o desenvolvimento de diversos repertórios que estão sendo estudados por pesquisadores da área de educação infantil.

Quando escuta um conto, além de sentir o adulto como parte da sua realidade e perceber que eles são capazes de sentir e de pensar como ela, a criança tende a se introduzir no enredo, como ela própria ou como um dos personagens. Usando a imaginação "interpreta" mentalmente o que ouve. (Araujo, Santos, Gonçalves e Jesus, 2003; Silveira e Abramovics, 2002; Martinez e Gil, 2002,

Revista Cláudia,1996),

De acordo com o autores (Silveira & Machado, 2003; Fonseca, 2003; e Pontes, 2003 e Malba Tahan,1957) a importância da história infantil se deve a vários fatores decorrentes do contar e ouvir histórias e cantigas de roda e de ninar. O primeiro fator é o educativo, e o autor ressalta que todos nós guardamos na memória as histórias que ouvimos e cada uma delas pode servir como uma lição, uma advertência. O outro fator é o instrutivo; Monteiro Lobato mostra que até aritmética, com seus cálculos e suas frações, podem ser ensinadas e apresentadas sobre a forma de história, Júlio Verne apresenta informações importantes no âmbito da geografia e Viriato Correia fez de história do Brasil uma verdadeira narração. Um outro fator é que a história infantil enriquece o vocabulário facilitando a expressão de articulação, estimula a inteligência e desenvolve o comportamento de pensar infantil, lidando com uma linguagem que é sua e que pode fantasiar e recriar a partir do enredo.

Diversos autores (Zilberman,1982; Goés 1984, Dupas, 1999, Martucci, 1999, Fonseca, 2003, Silveira e Abramowics, 2003, Pontes, 2003) enfatizam, ainda, que a história infantil dá condições para a aquisição de conhecimentos gerais, ampliando a experiência da criança.. Possibilita também a socialização, estimulando a interação entre a criança, o grupo que vive e todo o seu ambiente, e permite o estabelecimento de associações e generalizações, por analogia, entre o que houve e o que conhece no seu dia a dia. Cria, também, uma oportunidade para que a professora possa conhecer o repertório dos alunos e suas diferenças individuais, o que é evidenciado por meio dos comportamentos dos alunos apresentados como consequência das narrativas. Os autores ressaltam ainda que dá condições para a aprendizagem de atitudes sociais e morais, por meio da imitação de modelos adequados de situações, estimulando comportamentos que são aceitáveis socialmente. Desenvolve e cultiva a sensibilidade e a imaginação, condição essencial para o desenvolvimento da criança e cria condições para o desenvolvimento do ato de memorizar e prestar atenção, ensinando a criança a comparar, a lembrar preparando-se para a vida. Por fim, os autores apontam que ouvir história desenvolve o interesse pela leitura na criança.

Nas palavras de Zilberman (1982, p.22), o uso da literatura infantil na escola se deve ao fato de sua natureza formativa. Alguns aspectos relacionados a funcionalidade da literatura infantil são comuns a alguns autores. Para Zilberman,(1982); Goés, (1984), Cunha, (1997) e Martucci, (1999) Machado (2002,2003) a literatura infantil está voltada à formação do indivíduo ao qual se dirige: com recursos ficcionais, a literatura sintetiza uma realidade (mesmo com o uso da fantasia ou de circunstâncias especiais de tempo e espaço). O texto literário proporciona o alargamento de horizontes, uma abertura íntima ou social da realidade vivenciada e recriada individualmente.

Wornicov (1986), Goés (1984) e Machado (2003) sintetizam, de maneira clara, as três funções atuais da literatura infantil.; A- Literatura como jogo, recreativa, que conduz ao prazer estético, manifestando-se no ritmo, no som, na imagem, no jogo de palavras; B--literatura como

evasão: manifestando-se por meio da fantasia, que leva o leitor à vivência de um mundo em que o real e o imaginário se confundem; C- literatura como compromisso: que possibilita uma visão ampliada do mundo, da vida e do homem e conduz à reflexão. Cunha (1997) expõe que qualquer área do conhecimento ou atividade se desenvolve integrando três áreas vitais do homem: a motora, a cognitiva e a apreciativa, e o contar histórias se desenvolve desta forma .

Zilberman (1982), Wornicov (1986), Silveira e Abramowics, (2003) elucidam que à literatura infantil tem sido atribuída a função de proporcionar à criança o conhecimento de si mesma e do ambiente no qual vive, que é primordialmente o da família, depois o espaço circundante e, por fim, a história e a vida social, proporciona uma visão de mundo que preenche lacunas da restrita experiência existencial.. Complementam suas posições ao dizer que a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura e um importante setor para o intercâmbio da cultura literária.

Ressaltam que ao professor cabe detonar múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. Para tanto, o professor precisa estar apto à escolha de obras apropriadas ao leitor infantil e ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e o hábito da leitor (Martinez e Teale, 1992, Pontes, 2003, Rocha e Lula 2003 e Wiggers 2003, Machado 2002 e 2003, Reyes, 2003).

Está sob a responsabilidade dos pais, professor e também do bibliotecário escolar a ênfase na autonomia da literatura infantil em relação a uma finalidade pedagógica segundo Zilberman (1984, Martinez, 1990 e Dupas, 1999, Fonseca, 2003), que enfatizam que a metodologia impulsionada pode se converter num instrumento imprescindível para que se alcance a principal meta relativa à presença da literatura na escola, qual seja, a conversão do livro num meio de cultura e questionamento. Trata-se de dar relevo à função formadora da leitura. Como mediadores de leitura, o professor, o bibliotecário e os pais contribuirão para a formação do hábito de leitura, que, segundo Góes (op. cit., p.28-29), Dupas (1999) Reali e Tancredi (2001 e 2002), proporciona a formação da criança em vários planos: no dos valores (formação da opinião e do espírito crítico), no racional (formação do pensamento lógico e reflexivo), no plano da linguagem (formação da expressão oral e escrita) e no da cultura (compreensão de si e da vida social).

Uma pesquisa desenvolvida por (Martinez e Gil, 2002) teve como um de seus objetivos verificar se as intervenções de contar história infantil interferem no comportamento de escolha; verificar se se há um padrão de escolha por tipos de material escolar e atividade de ouvir história de acordo com a faixa etária das crianças. Participaram deste estudo 58 crianças de nível sócio econômico desfavorecido , sendo que 34 destas freqüentavam uma creche e 19 a primeira série de uma escola municipal... A pesquisa foi organizada em dois períodos da situação de escolha livre e dois períodos da situação de contar e ouvir história empregando o delineamento ABABC

ou seja: na fase. A ocorreram as situações de escolha livre, em que estava disponível os materiais escolares para participantes utilizarem livremente, na fase B a atividade de contar histórias em que a pesquisadora contava história, e na fase C a situação de escolha livre em que ouvir história era mais opção de estímulo disponível. Os materiais foram colocados no chão da sala forrado com jornal. Foram dispostos os seguintes materiais: giz de cera de maior espessura, guache, massa de modelar, caixa de lápis de cor estampado, caneta hidrocor, paper art (papel com espessura da cartolina), livro infantil para as crianças do Maternal II ao jardim II. Foram utilizados brinquedos novos levados pela experimentadora e brinquedos usados em sala de aula no cotidiano da creche para os participantes do Jardim I. Para as crianças da primeira série do ensino fundamental não foi utilizado a massa de modelar. Os livros infantis e os brinquedos foram mudados a cada dia de forma a sempre ter material novo e material que o participante já conhecia. Ao lado do material também havia um rolo de papel higiênico e dois panos de prato. Um exemplo dos brinquedos usados foram: um urso de pelúcia grande; um urso de pelúcia médio; dois quadrados de borracha; dois carinhos de plástico; dois chocalhos; duas bonecas medindo 30cm de altura cada; dois telefones. Nas situações de escolha livre todas as crianças receberam a seguinte instrução: *"Nestas mesas caixa lápis de cor na caixinha ou soltos aqui, são os mesmos da caixinha; massa de modelar na caixinha ou solta,....você pode pegar para levar para a sua carteira. Na cadeirinha ao lado têm folhas para vocês usarem. Você pode escolher qualquer um para usar. Se você quiser mudar de material, primeiro devolva o que você pegou no lugar que retirou e depois escolha outro material.*

Na condição de Contar história, as crianças do jardim, maternal e primário ficaram todas sentadas no chão, em forma de círculo, e a experimentadora contava uma história. Na sala com os alunos da primeira série, a experimentadora permanecia sentada em uma cadeira junto à mesa que ficava na frente e no centro da sala. e alunos ficaram sentados em seus respectivos lugares, sendo que foram arranjadas três cadeiras para cada duas carteiras de forma a possibilitar a filmagem. As histórias foram escolhidas de acordo com as indicações de Coelho (1990).

Quanto ao procedimento de tratamento e análise de dados, as informações sobre as crianças e as respectivas escolhas foram transcritas em ordem cronológica de ocorrência na sessão. Os comportamentos de escolha dos estímulos foram registrados e analisados de acordo com a frequência do estímulo..

Neste artigo, discutiremos parte dos resultados relacionados a frequência de escolha e ordem de escolha de livro e ouvir história (Martinez. e Gil. 2002). Em seguida será disposta a Tabela 1 com a relação das médias de escolhas de livro nas fases de ELI, ELII e ELIII de acordo com a faixa etária dos participantes.

Tabela 1- Relação das médias de escolhas de livro nas fases de ELI, ELII e ouvir história em ELIII de acordo com a faixa etária dos participantes.

Idade	ELI	ELII	ELIII	Ouvir estória
2	2	0,2	0,9	0
3	4	2	3	1
4	0,1	0,9	3	0,1
5	2	2	1	2
6	2	2	2	0,3
7	1	0,7	1	0,7

Constata-se na Tabela 1, que as médias de comportamento de escolha de livro diminuíram da fase ELI para ELII e da fase ELI para ELIII e aumentou de ELII para ELIII para a faixa etária de dois e três anos. Para os participantes de 4 anos, houve um aumento de escolha de livro da fase ELI para ELII e ELII para ELIII. Para os participantes de cinco, seis e sete anos, houve uma tendência em permanecer o número de escolhas de ELI para ELII e ELII para ELIII.

Em relação as intervenções de contar estória entre as situações de escolha livre, verifica-se que houve uma alteração nas médias de escolha de livro após as intervenções para metade dos participantes. Estas intervenções de ouvir estória podem ter influenciado no comportamento de escolha dos participantes.

Os participantes de seis e sete anos de idade apresentaram uma percentagem menor de escolha de livros nas fases, que pode ser explicado pelo fato destes participantes terem maior acesso a livros em sala de aula do que os participantes de dois a cinco anos. As crianças na primeira série e no primário tem contato com livros infantis e livros didáticos, já que no primário as atividades de alfabetização iniciam com mais ênfase e na primeira série o processo de alfabetização deve ocorrer. Outro dado curioso é o alto índice de escolhas de ouvir estória para os participantes de três, cinco, seis e sete anos de idade. Para os participantes de dois e quatro anos, as percentagens foram as menores. Um fato ocorrido durante a intervenção de contar estória pode explicar estes resultados. Durante a sessão de contar estória I para os participantes de dois anos, algumas crianças não queriam passar o livro para a outra ver as gravuras após a pesquisadora ter contado a estória. As demais crianças que não estavam com o livro também começaram a chorar. A pesquisadora tentou conversar com a criança e verificando que não conseguiria fazer a criança parar de chorar, saiu da sala e buscou outros livros de estória, que não eram o mesmo da estória contada, e entregou um para cada criança. Nesta situação as crianças não verbalizaram nada a respeito da diferença dos livros e começaram a formar grupos de dois e três crianças mostrando as gravuras um para o outro e tentando contar a estória. Notou-se também que era necessário um tempo maior de convivência com essas crianças para que elas pudessem ter um maior aproximação da pesquisadora.

Durante a intervenção de contar estória II para as crianças de quatro anos, três alunos não ficavam sentados na roda, atrapalhando que os demais enxergassem as gravuras do livro e conversavam alto, dificultando os demais ouvirem a estória. Passando alguns minutos a professora

outra vez interferiu na sessão chamando a atenção verbalmente “ Se vocês não pararem vão ficar de castigo e vou chamar a”, pegou um criança pelo braço e mudou sua posição na roda.

De acordo com os dados da tabela 1, mesmo as crianças de dois a seis anos de idade que ainda não sabem ler, se interessaram por livros.

Ao compararmos os produtos mais escolhidos pelos escolhas de livro podemos verificar a proporção da preferência de livros em detrimento dos outros materiais e atividades.

Tabela 2- Relação das médias das escolhas de material para os participantes de três a sete anos e brinquedo para as crianças de dois anos durante as sessões de escolha livre .

Idade	Média	Média	Média	Média total em			Média de escolhas por sessão
	ELI	ELII	ELII	ELI	ELII	ELIII	
2	8	7	7	21			7
3	11	9	12	33			11
4	5	7	9	21			7
5	13	10	9	33			11
6	8	4	5	18			6
7	8	8	5	21			7

De acordo com os dados apresentados nas Tabela 2,. os comportamentos de escolha diminuíram das fases ELI para ELII e das fases ELII para ELIII para a faixa etária de cinco e sete anos. Para os participantes de quatro anos, houve um aumento de escolha na fase ELI para ELII e ELII para ELIII. Para os participantes de 2 anos, houve uma tendência em permanecer o número de escolhas de ELI para ELIII. Já para os participantes de 3 anos, houve uma diminuição do número de escolhas de ELI para ELII e uma tendência a manter o mesmo número de escolhas de ELI para ELIII. Considerando a situação de ELIII, o contar estória pode ter reduzido o número de escolha nas sessões, uma vez que na fase de ELIII, ouvir pelo menos uma estória demora aproximadamente 7 minutos, e a escolha por livros também implica em um maior tempo de dedicação para folhear o livro.

É preciso, entretanto, considerar que esta população estava usualmente privada de material, e que escolher livros ou ouvir histórias implica em permanecer mais tempo na atividade. Assim a natureza da atividade e a novidade do primeiro contato, são variáveis que podem ter influenciado a performance do comportamento de escolha.

Ainda considerando uma possível relação entre escolha do material e duração da atividade com ele realizada, chama a atenção os dados dos participantes de 5, 6 e 7 anos. Para os mesmos as médias de escolha decresceram da fase ELI para ELII. É possível que esses resultados tenham relação com a complexidade de elaboração dos produtos pelos participantes. Para os

participantes de 6 anos, a média de escolhas foi a mais baixa de todas as situações de escolha livre e entre todas as faixas etárias. A média de escolhas foi menor para os participantes de 6 e 7 anos de idade, seguido dos participantes de 2 anos.

Verificou-se que as crianças de cinco, seis e sete anos faziam criações de desenhos e pintavam, os que sabiam escrever faziam cartões e cartaz com algumas palavras escritas, usavam mais de um tipo de material nas suas criações como lápis de cor e giz para pintar o mesmo desenho, enquanto as crianças menores, usavam uma folha para cada material, por exemplo, faziam uma criação com guache e ao trocar por outro material como caneta hidrocor pegava outra folha em branco e produziam criações sem formas definidas. Em relação aos participantes de 2 anos, o tipo de atividade com o livro (algumas crianças queriam pintar o livro), e tinham dificuldade em folheá-los mesmo sendo livros específicos para essa idade e a natureza da atividade com o brinquedo também pode ter influenciado nesta média. Nas gravações das sessões foram registradas que algumas crianças começaram a pintar sobre o livro e neste momento a pesquisadora pediu para que eles pintassem na folha em branco, já que os livros eram emprestados da biblioteca da UFSCar.

Em relação aos dados quanto a posição das escolhas de livros pelos participantes, resumindo os resultados de cada faixa etária pode-se constatar que a posição de escolha mudou no sentido de ir para escolhas anteriores de ELI para ELII e de ELII para ELIII ou a posição da escolha se manteve próxima a posição de escolha da fase ELI para a maioria dos participantes independente da faixa etária

Desconsiderando a posição da mudança, em sentido anterior ou posterior, podemos constatar que houveram mudanças na posição da escolha para todos os participantes que escolheram mais de uma vez livros. Contando que houveram as intervenções de contar estória entre as situações de ELI para ELII, e de ELII para ELIII estas experiências de ouvir estória podem ter interferido no comportamento de escolha de materiais que ensejavam diferentes atividades por parte dos participantes.

A contribuição deste trabalho esta em demonstrar a possibilidade de identificar a preferência das crianças por materiais escolares e atividades desde o início das interações em instituição educativa como a creche, primeiramente constatando cientificamente, o que é de conhecimento do senso comum, que as crianças gostam de materiais escolares como livros, canetas, giz de cera, guache etc, e de suas atividades como a atividade de ouvir estória, pintar, desenhar, no início da vida escolar. Se esta preferência existe, podemos partir para o estudo de outras lacunas na literatura perguntando questões como: Por que as crianças acabam se desinteressando por atividades escolares, principalmente pelos livros e em ouvir estória? Por que as crianças não possuem o hábito de ouvir estórias? Será que as crianças, por não saberem ler, não despertam no adulto que ouvir estórias pode ser lúdico para elas? Nesta investigação, constatou-se também a importância do contar e ouvir estória e que está atividade além de despertar o interesse das crianças, pode influenciar no comportamento de escolha por materiais

escolares que ensinam as mais diversas atividades. As crianças quando ouvem estórias, participam, imaginam o enredo a partir da sua história de vida e recontam e recriam as estórias, gerando situações de interação entre pares e trios de crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICS, ANETE (1995). *A menina repetente*. Campinas. Papyrus (Coleção Magistério; Formação e Trabalho Pedagógico).

ABRAMOWICS, A. & WAJSHOP, G. (1996). *Creches-atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo. Moderna

BORDINI, MARIA DA GLÓRIA, AGUIAR, VERA TEIXEIRA (1993). Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto.

COELHO, BETTY (1989). Contar histórias: uma arte sem idade. 2.ed. São Paulo: Ática.

CUNHA, MARIA ANTONIETA ANTUNES (1997). Literatura infantil: teoria e prática. 16.ed. São Paulo: Ática.

DUPAS, MARIA ANGÉLICA (1999) A mediação da leitura. Formação de Contadores de História. p10 –p14, São Carlos. UFSCar- Biblioteca Comunitária.

FONSECA, MARIA LÚCIA SANTOS (2003) *Adaptação Escolar; Como viver este momento*. UEI, UFCG. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos

GADELLA, VÂNIA (2003). *Relato de Experiência; Meu Pé de Feijão na UAC*. UFSCAR. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

GOES, LÚCIA PIMENTEL (1984) Introdução à literatura infantil e juvenil. São Paulo: Pioneira

LAJOLO, MARISA, ZILBERMAN, REGINA. (1988) *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 4.ed. São Paulo: Ática.

MACHADO, ANA MARIA (2003). *Livros Infantis como Pontes entre Gerações*. In *Revista Leitura*. Governo do Estado de São Paulo. Brasil.21(4),abr.p.36-47.

MACHADO, ANA MARIA (2002). *Construindo Pontes entre Gerações*.Palestra. In *Congresso do Jubileu do International board on books for Yong People*. Basel,setembro.(no prelo).

MALBA TAHAN (1957) A arte de ler e contar histórias. Rio de Janeiro, Conquista.

MARTUCCI, ELIZABETH MÁRCIA (1999) Aprendendo a contar estórias. Formação de Contadores de Estória. p1-p8 , UFSCar- Biblioteca Comunitária, São Carlos

Pontes, Gilvânia M. D. (2003) Vivências teatrais na escola infantil. NEI (Núcleo de Educação Infantil), UFRN. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

PERRENOUD, P. (2000). *Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre. Artemed.

PONTES, GILVÂNIA M. D. (2003) Vivências teatrais na escola infantil. NEI (Núcleo de Educação Infantil), UFRN. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

RAUPP, MARILENE DANDOLINI. (2002). *A Educação Infantil nas Universidades Federais; questões, dilemas e perspectivas*, Dissertação de Mestrado- Centro de Ciências da Educação da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis

ROCHA, MARIA JOSÉ DA S E LULA, ELZIMAR FERREIRA (2003).Curso direitos Humanos e Combate ao Racismo; Trabalhando diferenças étnicas na creche. (2003). UAC, UFSCAR. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

SANTOS , S.M.P. (1998).Brinquedoteca ? O lúdico em diferentes contextos; Petrópolis. Ed. Vozes.

SKINNCR, B.F. (1969) Contingencies of Reinforcement a Theoretical Analysis. New York: Appleton Century-Crofts

SKINNER, B.E (1992) Tecnologia do Ensino. São Paulo: EPU (Edição original de 1968).

WORNICOV, RUTH (1986). *Criança leitura livro*. São Paulo: Nobel,.

ZILBERMAN, REGINA (1982). A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1982..(org.) A produção cultural para a criança. Porto Alegre: Mercado Aberto